

PEQUENO PREFÁCIO DEDICADO A UMA
GRANDE OBRA.

ORLANDO MARQUES DE PAIVA

Reitor da Universidade de São Paulo.

Recuemos um pouco no tempo. Voltemos a 1937 e mais precisamente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Dois homens, mestre e discípulo, Fernand Paul Braudel e Eurípedes Simões de Paula sonham lançar revista, com o fito de proporcionar a estudiosos de história a divulgação de seus trabalhos. Não o sonho *ilusão de quem não pode ter ilusões*, mas o sonho-idéia em germinação, forma de expectativa, de apressamento do futuro. Desejam favorecer a difusão das pesquisas nascidas do amor ao estudo e magistério. Não o desejo esperança de quem nem pode tê-la, mas o desejo-compromisso, maneira de empenhar a fé. O futuro, todavia, tarda a chegar, mais do que mereciam tanto entusiasmo e dedicação em antecipá-lo. Correm os primeiros meses de 1950 e é quando a publicação afinal aparece. Dão-lhe apoio, de imediato, historiadores de São Paulo e do Rio de Janeiro. O número inaugural traz, à guisa de prefácio, um programa que espelha a largueza de espírito de seu autor, Eurípedes Simões de Paula, sustentado adepto da fórmula de Febvre “História, Ciência do Homem”. Por isso, a um tempo pede e oferece. Pede, irrestritamente, a colaboração de todos: economistas, sociólogos, políticos, religiosos, literatos, filósofos e cientistas. E, desimpedidamente, a todos oferece as páginas da revista... como se chamaria? Consultado, Fidelino de Figueiredo assente na revivescência do título *Revista de História*, órgão que dirigira durante alguns anos.

VIII

Abre-se assim caminho rumo ao amanhã contingente do primeiro periódico brasileiro, no gênero. E se as secções de que inicialmente se compôs permitem, de imediato, identificar-lhe o modelo seguido, os predicados de seu ilustre fundador, pleno de humanismo, possibilitam já prognosticar-lhe individuado destino vitorioso.

De fato, passados 25 anos, vividos para a história e pela história, vêmo-lo a competir com os congêneres de projeção internacional na tarefa infinita de interpretá-la e reavaliá-la, à luz da *consciência que os historiadores têm de si mesmos na realidade histórica*.

Edita-se agora, para comemorá-los, o centésimo número desse notável veículo de aproximação cultural, qual prova da inalterada regularidade que lhe imprimiu Eurípedes Simões de Paula. Surge, com o Volume L, novo marco no roteiro da *Revista de História* a assinalar, como se necessário fôra, o valor de uma obra feita de abnegação, fruto do desvelo integral desse preclaro mestre, em permanente estado de disponibilidade espiritual.

O sonho deu certo, mas, adiou-se o amanhã e suas aderentes contingências; o desejo tornado realidade despegou-se da esperança, que esta precisa amparar outros projetos; o futuro afasta-se rumo a fronteiras infundavelmente transmudadas; o mesmo receptivo alguém continua a postos, absorto, talvez a meditar sobre a *história que poderia ter sido* ou, quem sabe, fascinado pela incógnita da que poderá ser.

Não lhe perturbemos as reflexões com os nossos aplausos, embora merecidos.